

Para os homens, como para os povos, a vida é sempre um misto contínuo de prazer e dor, de sorriso e lagrima, de esperança e desengano.

E, enquanto isso, a indiferença sacode os ombros desdenhosos ante os acontecimentos desfilados aos seus olhos, e o egoísmo, seu irmão gêmeo, não se comove senão a vista do que fere ou favoneia o interesse próprio.

Felizmente, meus senhores, dessa voragem escapa sempre alguma coisa: a justiça, que nos guia ao porto da verdade, e como a coluna de fogo do deserto guiava os hebreus a Terra da Promissão...

E é a justiça, meus senhores, quem preside o acontecimento de hoje, na "Casa dos Jornalistas" de Campinas.

Fundada há mais de três lustros, com as mais belas finalidades em favor da classe dos jornalistas, a Associação Campineira de Imprensa inscreveu no seu programa uma das mais nobres realizações possíveis, qual seja a de homenagear a memória dos seus mortos, perpetuando a sua lembrança numa "Galeria da Saudade".

E essa "Galeria da Saudade" já agazalha hoje grande número de militantes do jornal, desaparecidos da vida. Entretanto, não está ainda completa a representação. Há antigos vultos do jornalismo local que ainda não figuram na "Galeria da Saudade" desta Associação, porém não foram eles por nos esquecidos, e para aqui virão, como preito de justiça aos seus meritos e aos testemunhos que deram de caráter e de honradez no desempenho de uma profissão decididamente de sacrifícios e de perigos, embora mal compreendida por muitos, até mesmo por aqueles que ocuparam ou ocupam cargos de projeção mercê do amparo que lhes foi dado pela imprensa.

O ato de justiça que se pratica hoje nesta casa, meus senhores, recai sobre a personalidade do saudoso Paulo Lôbo, uma das grandes expressões do jornalismo campineiro, pois reunia as três principais qualidades do jornalista eleito pela opinião publica: a cultura intelectual, o caráter e o desassombro.

Paulo Lôbo, cuja memória reverenciamos neste momento, bem poderia ter seguido na sua mocidade uma carreira menos acidentada que a do jornalismo. Mas, o jornal era o seu próprio bem estar, que ele não quis perder pela politica, processo graças ao qual facilmente alcançarão alguns, pelas suas virtudes cívicas ou pelo seu talento, a palma da notoriedade.

Nascido na tradicional cidade de Itu, filho do feliz consórcio do maestro Elias Álvares Lobo e d. Elisa Eufrosina da Costa Lôbo, Paulo Lobo viveu parte de sua infância em Campinas, tendo depois retornado a sua terra de nascimento, a fim de ali ingressar no Colegio São Luis, renomado estabelecimento mantido pelos jesuitas.

Transferindo-se mais tarde para a Capital, onde ia cursar a legendaria Academia de Direito de São Paulo, ingressou ele na imprensa paulistana, a princípio como assíduo colaborador do "Diário Popular". Ao tempo de Araujo Guerra, colaborou na "A Plateia" e, mais tarde, na "A Nação", então dirigida por Herculano de Freitas, acompanhou com admirável brilhantismo a campanha "glicerista", como correligionário valioso que era do P.R.F.

Nessa epoca, não fora o seu decidido pendor pela vida do jornal, e teria Paulo Lobo bandeado para a politica, o caminho fascinante pelo qual um homem pode notabilizar-se com muita facilidade, mesmo se possuidor de meritos vulgares...

Mas em Paulo Lobo vivia o jornalista de espírito culto e cheio de combatividade, cuja pena estava sempre pronta para criticar atos ou combater erros. E foi por isso que a uma estrada plana alcatifada de flores - a politica, preferiu ele esse caminho anfractuoso juncado de espinhos - que é o jornalismo.

E a prova de que era esta a verdade, foi dada a Paulo Lôbo pouco tempo depois. Ocupava o vigoroso jornalista o cargo de official de gabinete do Secretario do Interior e Justiça no governo Campos Sales, quando discordou de certas deliberações politicas do chefe de Estado. Discordou, mas não ficou em silêncio, como aconteceria, por certo, a qualquer outro que não possuísse a sua coragem de atitudes. Por isso, da imprensa e da tribuna, expôs o seu pensamento, para condenar com altivez tais deliberações porém no dia imediato Paulo Lôbo já não era official de gabinete do Secretario do Interior e Justiça...

Em 1893, quando houve o chamamento às armas, para a consolidação da República, a grande tarefa atribuída a Floriano Peixoto - o "Marechal de Ferro" - Paulo Lôbo tudo abandonou para servir nas fileiras da legalidade, de início, na guarnição da Fortaleza de São João, no Rio de Janeiro, e mais tarde na de Santos, localizada no Boqueirão.

Três anos depois, em 1896, formava-se Paulo Lôbo em Direito, e logo a seguir fixava residência nesta cidade. A princípio, advogou sob orientação do saudoso jurisconsulto Costa Carvalho e depois passou a trabalhar com os seus ilustres irmãos drs. Antônio e Jose Lôbo.

O advogado, porém, não absorveu o jornalista. Paulo Lôbo retornou às lides de imprensa por intermédio da "Cidade de Campinas", na época redatorada por Alberto Faria e dirigida por João Barroso Pereira. Até 1900 colaborou assiduamente no jornal, e data desse tempo o soneto que vou ler, pois Paulo Lôbo, então feliz enamorado daquela que devia ser a santa e carinhosa companheira dos seus dias de bonança e das suas horas de procela, era também poeta, sob o pseudônimo de Enzo Alvarez:

Junja-se ao verso, em ritmo preclaro,
Esta saudade desalentadora,
Como exemplar de um orquedeano raro
a esses troncos darvore, senhora.

E a minha alma, crede, a minha pena,
aqui feita merce do rir profano
das mesmas rimas que me vão da pena
- rude capricho do meu rude engano.

Pois, seja embora. A dúvida que resta
digo-vos já com precisão - e esta
- saber quem mais se ri neste descante:

Se o poemeto, senhora, fútil, breve
rindo da soledade que descreve,
se vos do meu afeto a todo o instante...

Retornemos, porém, ao jornalista. Paulo Lôbo em 1901 já pertencia ao corpo redatorial da "Cidade de Campinas" e continuamente dava provas da sua admirável capacidade para a nobre e ardua profissão. De 1905 a 1914 ocupou o posto de diretor intelectual daquele diário e foi nesse período que mais se revelou o grande jornalista.

Se como plúmifio da imprensa, Paulo Lôbo entusiasmara a opinião pública pela sua coragem de atitudes, não menos brilhante foi a sua ação de jornalista feito. A sua pena não vergava frente a ameaças ou a conveniências. Como polemista, e numerosas foram as polémicas em que se envolveu, o adversário era obrigado a manter-se sempre alerta e não raro precisava procurar um bom padrinho que promovesse o ensarilhamento das armas antes da derrota fragorosa...

Entretanto, Paulo Lôbo mostrou sempre uma virtude nas suas polémicas: não descambava para o terreno pessoal, muito menos enfeiava as suas discussões, campanhas ou críticas com o palavreado grosseiro.

E como o jornalista, era também o advogado. Nos seus trabalhos jurídicos, nos seus discursos, sobretudo nas réplicas prontas da tribuna do Juri, embora energico e vivo, nunca se serviu senão de uma linguagem superior e de reconhecido brilho literário.

E diante desse rápido bosquejo do que foi a vida de Paulo Lôbo, mais relevante se torna a razão de ser do ato de justiça praticado pela Associação Campineira de Imprensa, com a inauguração que ora se faz do retrato desse grande lidador do bom jornalismo, em sua "Galeria da Saudade".

A memória de Paulo Lôbo, pois, o tributo da nossa grande admiração!

-----0000-----

CMP 2.1.8.3.3-2